

2/7/2002

Sem qualificação, bóias-frias não teriam outro emprego, diz escritor

Da Reportagem Local

Autor do livro "Açúcar Amargo" (ed. Palavra Mágica), Luiz Puntel diz que eliminar os postos de trabalho dos cortadores de cana-de-açúcar sem antes qualificá-los para outras atividades seria um "desastre".

Em 1984, quando publicou seu livro sobre a greve dos bóias-frias de Guariba — 337 km de São Paulo —, Puntel pesquisou a fundo a vida desses trabalhadores. Essa foi a primeira greve no campo desde o movimento militar de 1964. Pedindo melhores condições de trabalho e de remuneração, cortadores de cana entraram em choque com a polícia e, no confronto, uma pessoa morreu.

Três dias depois, os usineiros aceitaram a maior parte das reivindicações dos trabalhadores e pipocaram greves de trabalhadores rurais em todo o Estado.

Da miséria que viu em 1984, pouco mudou na vida desses trabalhadores, diz Puntel, que mora em Ribeirão Preto, uma das principais regiões plantadoras de cana do país.

"Os bóias-frias conseguiram algumas melhorias, mas nenhuma delas é realmente ideal. Eles não tem estudo nenhum — nem poderiam, pois a maioria é filha ou neta de bóias-frias e não tem relação nenhuma com o estudo. Para eles, estudar não significa melhorar de vida, conseguir empregos melhores. Não significa nada", revela o escritor.

Segundo ele, até hoje existem cidades no interior cuja população é formada em grande parte por cortadores de cana. Migrantes de outras regiões do país, principalmente do Nordeste e do norte de Minas Gerais, vieram para o corte da cana e acabaram ficando e contribuindo para a miséria dessas regiões.

Essas pessoas, tanto na época da greve de Guariba quanto atualmente, geralmente trabalham durante a safra, que dura seis meses, e passam o resto do ano sem trabalho nenhum. "A substituição desse enorme contingente de pessoas sem qualificação representaria um grande problema para esses municípios canavieiros. Contribuiria ainda mais para o aumento do desemprego e para sua manutenção, já que, sem estudo, dificilmente arranjariam emprego novamente", diz Puntel. "Imagine a tensão social em pequenas cidades, sem estrutura para enfrentar tantos desempregos, ou mesmo o aumento de violência que isso poderia gerar. Seria um desastre?"

(JOSÉ SERGIO OSSE)

(Dinheiro — Página 10)